

Enrique Leff

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Leff, Enrique

Discursos sustentáveis / Enrique Leff ; tradução Silvana Cobucci Leite. — São Paulo : Cortez, 2010.

ISBN 978-85-249-1649-6

1. Desenvolvimento sustentável 2. Ecologia humana 3. Educação ambiental I. Título.

10-09527

CDD-304.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação ambiental para sustentabilidade 304.2

Discursos Sustentáveis

Tradução de:

Silvana Cobucci Leite



Complexidade, racionalidade ambiental e diálogo de saberes*

A crise ambiental é uma crise da razão, do pensamento, do conhecimento. A educação ambiental surge e se fundamenta em um novo saber que transcende o conhecimento objetivo das ciências. A racionalidade da modernidade pretende pôr a realidade à prova colocando-a fora do mundo que se experimenta com os sentidos e de um saber que gera sentidos na criação de mundos de vida. O saber ambiental integra o conhecimento racional e o conhecimento sensível, os saberes e os sabores da vida. O saber ambiental prova a realidade com saberes sábios que são saboroados, no sentido da alocação italiana *assaggiare*, que põe à prova a realidade degustando-a, pois se prova para saber o que se pensa e se a prova da vida comprova o que se pensa, se é sábio. Restaure-se assim a relação entre a vida e o conhecimento.

O saber ambiental reafirma o ser no tempo e o conhecer na história; fixa-se em novas identidades e territórios de vida; reconhece o poder no

saber e a vontade de poder que é um querer saber. O saber ambiental faz renascer o pensamento utópico e a vontade de liberdade em uma nova racionalidade em que se fundem o rigor da razão e a desmesura do desejo, a ética e o conhecimento, o pensamento racional e a sensualidade da vida. A racionalidade ambiental abre os caminhos para uma reorientação do mundo, transgredindo a ordem estabelecida que impõe a proibição de ser. O saber ambiental, permeado pela incompletude do ser, pervertido pelo poder do saber e mobilizado pela relação com o Outro, elabora categorias para apreender o real a partir do limite da existência e do entendimento, a partir da condição humana na diversidade, da diferença e na outriedade. Dessa forma, cria mundos de vida, constrói novas realidades e abre o curso da história para um futuro sustentável.

O saber ambiental é uma epistemologia política que visa dar sustentabilidade à vida; é um saber que vincula os potenciais ecológicos e a produtividade neguentrópica do planeta com a criatividade cultural dos povos que habitam a Terra. O saber ambiental muda o olhar do conhecimento e com isso transforma as condições do ser no mundo na relação que o ser estabelece com o pensar e o saber, com o conhecer e o agir no mundo. O saber ambiental é uma ética para acariciar a vida, motivada por um desejo de vida, pela pulsão epistemofílica que erotiza o saber na existência humana.

O saber ambiental é criado na pulsão por conhecer, na falta de saber das ciências e no desejo de compreender essa falta irreparável. Assim, impulsiona uma utopia como construção da realidade a partir de uma multiplicidade de sentidos individuais e coletivos, para além de uma articulação de ciências, de intersubjetividades e de saberes pessoais. O saber ambiental procura saber o que as ciências ignoram porque seus campos de conhecimento lançam sombras sobre o real e avançam disciplinando paradigmas e subjulgando saberes. O saber ambiental, mais que uma hermenêutica do esquecido, mais que um método de conhecimento do consabido, é uma inquietude em relação ao nunca sabido, ao que fica por saber sobre o real, o saber do qual emerge o que ainda não é. O saber ambiental constrói assim novas realidades.

* Extraído da conferência apresentada no V Congresso Ibero-americano de Educação Ambiental, Joinville, Santa Catarina, 4-8 de abril de 2006.

A consistência e coerência deste saber se produzem em uma permanente prova de objetividade com a realidade e em uma práxis de construção da realidade social que confronta interesses diferenciados, inseridos em saberes pessoais e coletivos. O conhecimento não se constrói apenas em suas relações de validação com a realidade externa e em uma justificção intersubjetiva do saber. O saber se inscreve em uma rede de relações de outridade e com o real na construção de utopias através da ação social; isso confronta a objetividade do conhecimento com as diversas formas de significação do real, assim como nas condições de assimilação de cada sujeito e de cada cultura, que se concretizam e se fixam em saberes individuais e compartilhados, dentro de projetos políticos de construção social.

O saber ambiental surge de um diálogo de saberes, do encontro de seres diferenciados pela diversidade cultural, orientando o conhecimento para a construção de uma sustentabilidade compartilhada. Ao mesmo tempo, implica a apropriação de conhecimentos e saberes dentro de diferentes racionalidades culturais e identidades étnicas. O saber ambiental produz novas significações sociais, novas formas de subjetividade e posicionamentos políticos diante do mundo. Trata-se de um saber que não escapa à questão do poder e à produção de sentidos civilizatórios.

O diálogo de saberes se produz no encontro de identidades. É a abertura do ser constituído por sua história para o inédito e o impensado; para uma utopia arraigada no ser e no real, construída a partir dos potenciais da natureza e dos sentidos da cultura. O ser, para além de sua condição existencial geral e genérica, penetra no sentido das identidades coletivas que se constituem no crisol da diversidade cultural e em uma política da diferença, mobilizando os atores sociais para a construção de estratégias alternativas de reapropriação da natureza em um campo conflitivo de poder, no qual se revelam os sentidos diferenciados e muitas vezes antagônicos, na construção de um futuro sustentável.

A compreensão do ser no saber, a compenetração das identidades nas culturas, incorporam um princípio ético que se traduz em um guia pedagógico; para além da racionalidade dialógica, da dialética da fala e da escuta, da disposição a compreender e "a se colocar no lugar do outro",

a política da diferença, a ética da outridade e a hibridação de identidades levam a interiorizar o outro no uno, em um jogo de mesmidades que introjetam outridades sem renunciar a seu ser individual e coletivo. As identidades híbridadas que assim se constituem não são a expressão de uma essência, mas tampouco se diluem na entropia da troca subjetiva e comunicativa. Estas surgem da afirmação de seus sentidos diferenciados diante de um mundo homogeneizado e globalizado.

Assim, o saber ambiental se faz solidário de uma política do ser, da diversidade e da diferença. Essa política fundamenta-se no direito a ser diferente, no direito à autonomia, em sua defesa diante da ordem econômico-ecológica globalizada, em sua unidade dominadora e em sua igualdade inequitativa. É o direito a um ser próprio que reconhece seu passado e projeta seu futuro; que restabelece seu território e reapropria sua natureza; que recupera o saber e a fala para se dar um lugar no mundo e dizer uma palavra nova, a partir de suas autonomias e diferenças, no discurso e nas estratégias da sustentabilidade. Para isso, será necessário sacrificar as palavras, para que voltem a reexistir no ser das coisas. Deveremos ativar as *gramáticas de futuro* (Steiner), para poder dizer o que ainda não é, para que os seres culturais expressem suas verdades e se entrelacem em um diálogo entre identidades coletivas diversas.

O questionamento da racionalização crescente do conhecimento e da objetivação do mundo levou a propor a questão dos valores e da subjetividade no saber. Esta relação entre ética e conhecimento leva a incorporar valores ao conhecimento e dentro das relações de poder no saber; a introduzir significados diversos na construção dos objetos de conhecimento, na orientação do saber, na legitimação e na validação de paradigmas de conhecimento, incluindo a inscrição dos interesses e sentidos do saber em formas diferenciadas e antagônicas de apropriação do mundo e da natureza.

A complexidade ambiental não apenas leva à necessidade de aprender fatos novos (de maior complexidade), mas inaugura uma nova pedagogia, que implica a reapropriação do conhecimento a partir do *ser do mundo* e do *ser no mundo*; a partir do saber e da identidade que se criam e se incorporam ao ser de cada indivíduo e de cada cultura. Este *aprender*

o mundo se dá através de conceitos e categorias de pensamento com os quais codificamos e significamos a realidade; por meio de formações e articulações discursivas que constituem estratégias de poder para a apropriação do mundo. Toda aprendizagem implica uma reapropriação subjetiva do conhecimento. Porém, significa sobretudo uma transformação do conhecimento a partir do saber que constitui o ser.

A pedagogia da complexidade ambiental reconhece que *aprender o mundo* parte do ser de cada sujeito, de seu ser humano; esta aprendizagem é um processo dialógico que transcende toda racionalidade comunicativa construída sobre a base de um possível consenso de sentidos e verdades. Para além de uma pedagogia do meio que dirige o olhar para o entorno, a cultura e a história do sujeito para se reapropriar de seu mundo a partir de suas realidades empíricas, a pedagogia ambiental *reconhece o conhecimento*, vê o mundo como potência e possibilidade, entende a realidade como construção social mobilizada por valores, interesses e utopias.

Diante da incerteza, a pedagogia ambiental não é a sobrevivência, do conformismo e da vida cotidiana, mas a educação baseada na imaginação criativa e na visão prospectiva de uma utopia fundada na construção de um novo saber e de uma nova racionalidade; no desencadeamento dos potenciais da natureza, da fecundidade do desejo e da ação solidária.

Se a ciência perdeu suas certezas e suas capacidades preditivas, se foi demolida a possibilidade de construir um mundo planejado centralmente sobre bases de uma racionalidade científica e uma racionalização dos processos sociais, então a educação não só deve preparar as novas gerações para aceitar a incerteza do desastre ecológico e para gerar capacidades de resposta para o imprevisto; deve também preparar novas mentalidades capazes de compreender as complexas inter-relações entre os processos objetivos e subjetivos que constituem seus mundos de vida, para gerar habilidades inovadoras para a construção do inédito. Trata-se de uma educação que permite preparar-se para a construção de uma nova racionalidade; não para uma cultura de desesperança e alienação, mas, pelo contrário, para um processo de emancipação que permita novas formas de reapropriação do mundo e de convivência com os outros.

A pedagogia da complexidade ambiental se constrói, assim, na criação do pensamento do não pensado, do porvir, do que ainda não é; no horizonte de uma transcendência para a outriedade e a diferença; na transição para a sustentabilidade e para a justiça. A partir daí surgem os princípios conceituais que orientam uma pedagogia ambiental:

a] O ambiente não é apenas o mundo "de fora", o entorno do ser e do ente, ou o que fica fora de um sistema. O ambiente é um saber sobre a natureza externalizada, sobre as identidades desterritorializadas; sobre o real negado e os saberes subjugados pela razão totalitária, o logos unificador, a lei universal, a globalidade homogeneizante e a ecologia generalizada. O ambiente é objetividade e subjetividade, exterioridade e interioridade, falta em ser e falta de saber, que não preenche nenhum conhecimento objetivo, um método sistêmico e uma doutrina totalitária. O ambiente não apenas é um objeto complexo, mas é integrado pelas identidades múltiplas que configuram uma nova racionalidade que acolhe diferentes racionalidades e imaginários culturais e que inaugura diferentes mundos de vida.

b] O saber ambiental não é o conhecimento da biologia e da ecologia; não é apenas o saber sobre os processos do entorno, sobre as externalidades das formações teóricas centradas em seus objetos de conhecimento, mas a construção de sentidos coletivos e identidades compartilhadas que constituem significações culturais diversas na perspectiva de uma complexidade emergente e de um futuro sustentável. É um saber que constitui o ser, na articulação do real complexo e do pensamento complexo, no entrecruzamento dos tempos e na reconstituição das identidades. O saber ambiental inscreve-se no terreno do poder que atravessa todo saber, do ser que sustenta todo saber e do saber que configura toda identidade. O saber ambiental constrói estratégias de reapropriação do mundo e da natureza.

c] A construção do saber ambiental implica uma desconstrução do conhecimento disciplinar, simplificador, unitário. É um debate permanentemente diante de categorias conceituais e formas de entendimento do mundo que se consolidaram em formas do ser e do conhecer moldados por um pensamento unidimensional que reduziu a complexidade para

ajustá-la a uma racionalidade da modernidade que remete a uma vontade de unidade, de eficácia, de homogeneidade, totalidade e globalização. É a negação de certezas insustentáveis e a aventura na construção de novos sentidos do ser.

d] A complexidade ambiental não é a complexidade do mundo, dos entes, da realidade; não é somente a complexidade do real, da geratividade da *physis*, da evolução da natureza, da emergência da ordem simbólica; não é a complexidade de um pensamento que representa e compreende melhor a complexidade da matéria. A complexidade ambiental emerge da relação entre o real e o simbólico; é um processo de relações ônticas, ontológicas e epistemológicas; de hibridações da natureza, da tecnologia e da cultura; é sobretudo a emergência de um pensamento complexo que aprende o real que se complexifica pela intervenção do conhecimento. Por isso, não é simplesmente um pensamento complexo mais bem acoplado à complexidade de seu objeto de estudo, mas um pensamento que transcende a relação de conhecimento, que vai além de uma ontologia do ser e de uma epistemologia, e que se abre para um saber da vida e uma ética da outridade.

e] A complexidade ambiental ultrapassa o campo das relações de interdisciplinaridade entre paradigmas científicos para um diálogo de saberes, que implica um diálogo entre seres diferentes. A interdisciplinaridade é apresentada no terreno de uma ciência que se fragmentou, ao mesmo tempo que objetivou todas as ordens do ser, sobre a base da construção de uma racionalidade social que, para além de compreender sua conformação na modernidade, estabeleceu a norma à qual o mundo devia se ajustar. A racionalidade ambiental é um pensamento que se emancipa dessa norma, de seu dever ser imposto, que reabre a história para o poder ser do ser. A complexidade ambiental configura uma globalidade alter-nativa, como confluência e convivência de mundos de vida em permanentemente processo de diversificação e diferenciação.

f] A complexidade ambiental inscreve o ser em um devir complexificante, em um ser pensando e agindo no mundo, abrindo as possibilidades do mundo, rompendo o cerco da restrição a que o submetem o pensamento unidimensional, a globalização econômica, a racionalidade

científica e instrumental. Outro mundo é possível para além da finalidade de dar maior equidade, sustentabilidade e justiça ao mundo atual dentro do quadro da racionalidade estabelecida. Esse deixar ser ao mundo não é apenas um deixar ser à natureza, à vida, à evolução biológica, ao desenvolvimento econômico. Abrir a complexidade do ser para a sustentabilidade implica reconstruí-lo através do pensamento, desconstruir o que a ciência moderna construiu a partir de uma nova racionalidade. A racionalidade ambiental abre um mundo feito de muitos mundos através de um diálogo de seres e de saberes, da sinergia da diversidade e da fecundidade da outridade, de uma política da diferença. O pensamento da complexidade ambiental leva assim a compreender o mundo nas vias *do ser com a natureza*, e *do ser com o outro e com o Outro*, ultrapassando a relação de conhecimento entre o conceito e o real para um diálogo de saberes.

g] A complexidade ambiental implica um processo de construção de saberes a partir da diferença do ser. O ser, diverso por sua cultura, ressignifica seu saber para lhe dar sua marca pessoal, para inscrever seu estilo cultural e reconfigurar identidades coletivas. A pedagogia ambiental prepara o encontro de seres diversos dialogando a partir de suas identidades diferenciadas. A complexidade ambiental se abre para um reconhecimento do mundo a partir da lei-limite da natureza (entropia) e da lei-limite da cultura (finitude da existência). A complexidade ambiental se constrói e se aprende em um processo dialógico, em um diálogo de saberes, na hibridação da ciência, da tecnologia e dos saberes populares. É o reconhecimento de sentidos culturais diferenciados, não só como uma ética da outridade, mas como uma ontologia do ser, plural e diverso.

h] A pedagogia ambiental abre o pensamento para apreender o ambiente a partir do potencial ecológico da natureza e dos sentidos culturais que mobilizam a construção social da história. A pedagogia ambiental é aprender *um saber ser com a outridade*, que vai além do "conhece-te a ti mesmo", como a arte da vida. O saber ambiental integra o conhecimento do limite e o sentido da existência. É um *saber chegar a ser* no sentido de saber que o ser é em um devir no qual existe a marca *do que foi*, sempre aberto para o que *ainda não é*. É incerteza como impossibilidade de conhe-

cer o *que está sendo* e certeza de que o ser não está contido no conhecimento prefixado das certezas do sujeito da ciência, da norma, do modelo, do sistema. É um ser que se constitui a partir de sua "falta em ser", da impossível unidade e totalidade do conhecimento e na pulsão por saber.

[1] A pedagogia ambiental é aprender a conviver com o outro, com o que não é internalizável (neutralizável) por si mesmo. É ser em e com o absolutoamente outro, que aparece como criatividade, alteridade e transcendência, que não é a completude do ser, a reintegração do ambiente, nem a retotalização do conhecimento, mas pulsão de vida, fecundidade do ser no tempo, fertilidade do encontro com o outro. A educação ambiental recupera assim o sentido originário da noção de *educere*, como deixar vir à luz; não como um novo iluminismo da coisa, como o desdobramento do objeto, ou como a transmissão mimética de saberes e conhecimentos, mas como a relação pedagógica que *deixa o ser ser*, que tende a que as potências do ser, da organização ecológica, das formas de significação da natureza e dos sentidos da existência se expressem e se manifestem. A educação ambiental é o processo dialógico que fertiliza o real e abre as possibilidades para que chegue a ser o que ainda não é.

Para isso, teremos que reconstruir nossa razão e nossa sensibilidade para deixar o *ser ser*, para abrir as portas para um *de vir*, para um *por-vir* que não seja o destino predeterminado da inércia dos processos desencadeados por um mundo economicizado e tecnologizado. Abrir os espaços para um diálogo de seres e saberes no qual nem tudo é cognoscível e pensável de antemão; aprender uma ética para que possa surgir um mundo onde a diversidade e as diferenças convivam em harmonia. Devemos aprender a dar lugar para o não saber e a esperança, para aquilo que se constrói no encontro com o outro, com o Outro, para além da objetividade e do interesse inscritos no projeto civilizatório que a modernidade nos legou.

Para construir um mundo sustentável teremos que reavivar o fogo do saber, recordando, com Umberto Eco, que este não provém do deslumbrante iluminismo, mas da luz da chama, de sua esplêndida claridade e seu ígneo ardor que resplandecem para que queime.

Atevamo-nos, pois, a nos queimar no fogo ardente desse saber que busca e espera. Mantenhamos viva a chama que explora novos caminhos.

Lancemo-nos na aventura dessa utopia, na construção de uma racionalidade ambiental, artes que a racionalidade dominante e a falaciosa verdade do mercado globalizado nos arrastem para o abismo da morte entrópica do planeta e da perda de sentido da existência humana.

Esse é o maior desafio da educação em nossos dias: o da responsabilidade e da tarefa de contribuir para este processo de reconstrução, educar para que os novos homens e mulheres do mundo sejam capazes de assumir esta crise civilizatória, e convertê-la no sentido de sua existência, em um reencantamento da vida e da reconstrução do mundo.

Esses são os caminhos abertos pela racionalidade ambiental e as veias pelas quais corre o sangue da educação ambiental na América Latina.